

GESTÃO URBANA E REGIONAL NO VALE DO ITAJAI: O CASO DE BLUMENAU

Carla Eunice Gomes Corrêa – NPDR/FURB

E-mail: carlaeunice@terra.com.br

Tatiane Viegas Vargas – NPDR/FURB

E-mail: tatianeviega@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

É fato que com a expansão territorial de determinada região, há um aumento considerável de seus problemas, sejam eles, econômicos, políticos, ambientais e sociais. Juntamente com este processo de expansão, várias políticas de desenvolvimento vêm sendo implantadas a fim de minimizar os problemas de disparidades regionais e socioeconômicas nas últimas décadas. Entretanto, o desenvolvimento de cada região depende de suas características próprias, ou seja, as políticas devem ser elaboradas com base nas necessidades locais. Conforme Bassan & Siedenberg (2003, p. 141),

[...] considera-se como região, uma porção do espaço com características naturais específicas que, ao longo de seu processo de formação histórico-cultural, foi configurando uma identificação social, econômica e política, a fim de atender as necessidades de sua população, delimitando uma identidade regional própria.

Assim, cada região tem seu estilo próprio de desenvolvimento.

Uma região, inicialmente, é representada por sua formação geomorfológica (relevo, vegetação); em segundo lugar, apresenta-se a formação histórico-cultural, ou seja, os primeiros habitantes (colonizadores) que enraizaram sua cultura e tradições e passaram-nas às gerações futuras; em terceiro lugar, a formação econômico-social, a distribuição espacial da população, a origem do processo produtivo, a base econômica que identifica a região; em quarto lugar, o aspecto político e administrativo. (BASSAN & SIEDENBERG, 2003, p. 142)

É necessário considerar além do enfoque econômico, outras variáveis como indicadores de desenvolvimento como: qualidade de vida; prioridades a partir da realidade local, índices de desenvolvimento (humanos e sustentáveis) (FRANCO 2000).

O presente trabalho parte de revisão bibliográfica sobre as políticas de gestão urbana e regional e visa contribuir neste sentido para as discussões sobre os desastres ambientais ocorridos nas últimas décadas na região do Vale do Itajaí, enfatizando o caso do município de Blumenau-SC.

2 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO VALE DO ITAJAI

A região do Vale do Itajaí está localizada no estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil e contempla 53 municípios, agrupados em quatro microrregiões: Blumenau, Itajaí, Rio do Sul e Ituporanga. Sua área territorial apresenta um relevo com contrastes altimétricos e os rios que compõem a bacia hidrográfica possuem um perfil bastante acidentado, com clima predominante na microrregião mesotérmico úmido e temperaturas elevadas no verão.

A rede urbana do Vale do Itajaí¹, cobre uma área de 12.751 Km², organizada em três sub-redes polarizadas por Rio do Sul, Blumenau e Itajaí, sendo que, a cidade de Blumenau é a centralizadora da rede urbana. Articulada externamente pelo Porto de Itajaí, as sub-redes estão localizadas no Alto, Médio e Baixo Vale do Itajaí. A estrutura de transporte contribuiu ativamente para o desenvolvimento do Vale do Itajaí, inicialmente o processo era fluvial, passando a picadas e finalmente chegando a rodovias e ferrovias.

A partir da década de 30 vários municípios foram emancipados e na década de 50 e 60 se dividiu em três zonas: o Alto Vale, com maior dinamismo geográfico, o Médio Vale, com Blumenau e Brusque com suas indústrias têxteis e o Baixo Vale, como escoadouro de produção. Porém, estas emancipações não geraram independência política, administrativa e principalmente financeira. (SIEBERT, 1997, p. 49-111).

Em 1940 e 1950 a taxa de urbanização do estado de Santa Catarina era de 20%, em 1991 essa taxa se elevou e passou a 70%, esta inversão entre o campo e a cidade se deu na década de 70 quando a população do estado passa a residir nas cidades. Os municípios onde predomina a população rural estão, em sua maioria, constatando decréscimo populacional.

¹ Corresponde a Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí Açu.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

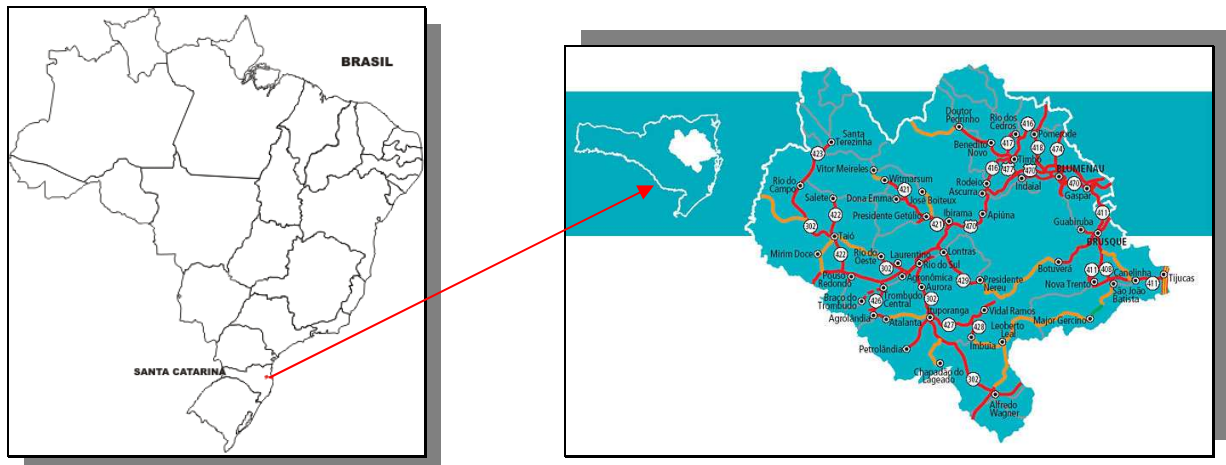


Figura 1 – Divisão Municipal da Região do Vale do Itajaí

Fonte: Elaborada pelo autor baseado nos sites: <http://www.acaprena.org.br/planodemanejo/mapas.asp> e
<http://www.santacatarinaturismo.com.br/inter~27.htm>

3 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO E EXPANSÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO VALE DO ITAJAÍ (1820 – 1980)

O Vale do Itajaí iniciou sua colonização com imigrantes alemães a partir do século XIX, em terras consideradas de povoamento escasso. Em 1850 ocorreu a fundação da Colônia Blumenau, em territórios do Médio Vale do Itajaí, tendo como precursor o doutor Otto Hermann Blumenau. Em 1860 foi criada a colônia que hoje é Brusque. Em 1907 se deu início a construção da estrada de ferro que ligaria essas colônias a Rio do Sul e evidenciaria a importância de todo o território (RENAUX, 1987, p. 19-38).

As atividades econômicas no Vale do Itajaí eram resumidas em atividades agrícolas as quais não tiveram grande sucesso, mas foram substanciais para dar início a industrialização. Tem-se como a origem da indústria no Vale, o comércio exportador e importador. Em 1880, a economia da Colônia de Blumenau já deixava de ser baseada na economia de subsistência, dando início a economia de indústria/mercado, onde “[...] os antigos postos de troca evoluíram para poderosas casas comerciais [...] que exerciam a função de agentes financeiros. A exportação dos excedentes de produção permitiu [...] a consolidação da industrialização [...]” (SIEBERT, 1996, p. 92).

A indústria surgiu como alternativa e causa do desenvolvimento econômico no Vale, uma vez que em trinta de anos de exploração no solo o mesmo já apresentava esgotamento e não se revelavam intenções para a recuperação do sistema produtivo para a pequena

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

propriedade (HERING, 1987, p., 44-76). A vida econômica teve tanto impulso que em 1898, as forças produtoras do município de Blumenau e região sentiram a necessidade de coordenar suas idéias e no mesmo ano fundaram a “Associação Comercial de Blumenau” (PIAZA, 1983, p. 405, grifo do autor).

O processo de industrialização passa a utilizar os recursos naturais na produção e geração de lucro, onde o esgotamento dos recursos naturais era em prol da viabilidade econômica sem a preocupação com as conseqüências, resultando em impactos devastadores no ecossistema da região. Sendo assim, as primeiras décadas da industrialização, não se questionava a questão ambiental e a utilização dos recursos.

Após a Primeira Guerra Mundial em 1914, começa o desenvolvimento industrial do Vale do Itajaí, devido às iniciativas de artesões e operários, que emigraram da Europa, na sua maioria da Alemanha. Além disso, esta expansão foi impulsionada pelo transporte, o surgimento da energia elétrica, e a utilização da energia a vapor que possibilitou o avanço da produtividade industrial, e a instalação de unidades fabris em outras áreas que não necessariamente fosse ao lado de quedas dá água como vinha acontecendo.

Em 1898, foram fundadas as primeiras indústrias têxteis na região de Blumenau (Hering, Karsten e Artex), em Brusque (Renau) e em Indaial na localidade do Ribeirão Encano (Fecularia Lorenz). Entretanto, no período entre 1914 e 1945, com a grande Depressão de 1929, as mudanças ocorridas no mercado internacional, impulsionaram as indústrias a se voltarem ao atendimento do mercado nacional, uma vez que estavam restritas as exportações. Assim, novas empresas de outros setores passam a se instalar na região como: Gaitas Hering (brinquedos e instrumentos musicais), Chocolates Saturno, Chocolates Sander, (alimentos), Eletro Aço Altona (fundição), Fabrica de Chapéus Nelsa, Maju Indústria Têxtil, Teka Tecelagem Kuenhrich, Bancos, Cremer S/A (fabricação de produtos medicinais) entre outras empresas que foram desenvolvendo nos municípios localizados nos arredores de Blumenau (HERING, 1987).

Depois da Revolução Industrial houve uma grande transição do rural para o urbano, onde, a maioria da população passa a viver nas cidades, devido aos novos modos de produção que foram desenvolvidos. Este novo modelo produtivo traz consigo uma reestruturação urbana, e com isto a necessidade de orientar a população quanto o crescimento destes centros urbanos e a importância de minimizar os problemas do meio ambiente.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

Em 1940, 21% da população catarinense se concentrava em núcleos urbanos, ficando Florianópolis com o maior índice, 43%. Blumenau e Joinville pela industrialização concentravam um terço dos habitantes urbanos. Já na década de 60 e 70 o contingente urbano se apresentava maior que o rural em todas as cidades mencionadas (MIRA, 2000, p. 135).

No Vale do Itajaí essa realidade não é diferente, Conforme divulgado pelo IBGE, a cidade de Major Gercino no Alto Vale do Itajaí é uma das cidades que mais encolhem e em Lontras, 60 jovens vieram embora para Blumenau em duas semanas. Só no Vale do Itajaí já são 1,13 mil propriedades abandonadas (ZAMBIAZZI, 2006, p. 14). A migração da população do campo para a cidade deixa uma lacuna muito grande para o desenvolvimento regional. Temos questões como o inchaço nas cidades pólos, mas talvez o mais grave, seja ainda, a redução populacional das pequenas cidades que precisam manter uma estrutura administrativa, bem como serviços básicos (saúde, educação, etc.) e não têm perspectivas para um desenvolvimento sustentado.

No período entre 1963 e 1980, segundo Siebert (1997, p. 93) “[...] o Vale do Itajaí alcança a posição de terceiro pólo do complexo têxtil e do vestuário do País. Há uma nítida acentuação da urbanização, neste período, [...]”. Onde, inúmeros foram os impactos ambientais causados pela instalação da malha viária, principalmente em relação à ocupação de áreas, alterações nas encostas dos rios, modificação dos cursos dos rios e a desvio de materiais de terraplanagem e desmonte, que deixam como consequência desastres de ordem natural. Entretanto, também causam impactos sociais, ao deslocarem parte de sua unidade fabril para outras pequenas cidades, com estrutura diferente dos centros a quais se concentram suas unidades centrais, influenciando na cultura, nos hábitos e costumes das famílias que ali residem, bem como impulsionam a necessidade de implantação de outros serviços que atendam a nova estrutura.

4 AS POLÍTICAS PÚBLICAS NOS MUNICÍPIOS DO VALE DO ITAJAI: O CASO DE BLUMENAU.

A concentração das atividades produtivas nas diversas regiões do país é influenciada pela dinâmica do mercado e por políticas públicas. Atualmente a globalização impõe obstáculos a serem vencidos pelo mercado que passam por reestruturações e consequentemente contribuem para o crescimento das desigualdades sociais e regionais.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

Com isto regiões e países cujo desenvolvimento é menor apresentam maiores dificuldades, pois, não possuem instrumentos de regulação capazes de reger os grandes mercados.

Segundo MNI (2005, p. 7)

[...] as atividades econômicas dinamizam-se em áreas que apresentam melhores condições de atração locacional, [...] que contam, entre outros, com atributos vantajosos de infra-estrutura, com recursos humanos qualificados e qualidade de vida da população aceitável mostrando-se adequadas à instalação de empreendimentos modernos e à geração de maiores lucros [...].

Devido ao processo de desenvolvimento são propostas alterações muitas rápidas na cultura, qualidade de vida e nas relações sociais de diversas localidades e regiões.

As políticas de desenvolvimento regional podem ser consideradas como as bases para uma mudança social e econômica de um país, que vem evoluindo de forma constante nos últimos anos. Porém, a mesma vem passando por um processo de regulação, pois anteriormente estas políticas de desenvolvimento estavam sendo desenvolvidas por meios inovadores, baseando em casos de sucessos que foram implantados em outros países.

Sendo assim, a capacidade da sociedade em se organizar pode levar regiões não dinâmicas a explorar nichos de mercado que venha promover a inclusão social e econômica.

Neste sentido as políticas de desenvolvimento regional passam a possuir um novo espaço para agir, mudando seu foco de atuação para o desenvolvimento de pequenos empreendimentos nas regiões e não se baseando somente na atração de investimentos de grandes empresas (MNI, 2005).

O termo *política* é derivado do grego (*politeía*), que indicava todos os procedimentos relativos à pólis ou cidade-Estado. Embora, receba inúmeros significados nos mais diversos debates, a política pode ser considerada uma arte que leva a democracia, onde a educação seria a base para a sociedade democrática e participativa (TEIXEIRA, 2004).

Atualmente com a necessidade de participação da sociedade e das novas atribuições dos municípios, os administradores públicos acabam por estar desorientados na forma de conduzir o processo de participação. Na proposição de políticas de desenvolvimento regional, duas questões devem ser analisadas:

A primeira é se os atores e estruturas sociais de um lugar ou porção territorial estão plugados ou não às redes internacionais e, se, portanto, encontram boas condições de reprodução. A segunda é se essas conexões fundam-se ou não em um conjunto de virtudes socioeconômicas especiais no âmbito das relações sistêmicas presentes nas articulações socioprodutivas relevantes em clusters específicos (GALVÃO, 1999, p. 5).

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

No caso do município de Blumenau um dos municípios da sub-região do Médio Vale do Itajaí, as transformações ocorridas com o processo de industrialização, fizeram com que a cidade crescesse e transforma-se em um grande centro industrial, que assim como outras cidades brasileiras, apresenta problemas ambientais, econômicos e sociais.

Estes problemas se intensificaram a partir da década de 80 devido as novas políticas impostas pelo governo municipal com a elaboração do primeiro Plano Diretor do Município e suas revisões posteriores ocorridas na década de 90, que limitavam as áreas destinadas a construções, disciplinando o crescimento da cidade através de medidas legais. Entretanto, a legislação deste não fora cumpridas e tais medidas levaram a ocupação de áreas ilegais e clandestinas, localizadas à beira de rios e encostas (SIEBERT, 2000).

No que diz respeito às migrações inter-regionais, as pessoas se deslocam de uma região para outra, visto as oportunidades que a outra vai lhe proporcionar (emprego e salário).

O elemento desencadeador é o crescimento econômico do conjunto do sistema, mais precisamente o impacto do crescimento sobre a composição da procura. Em qualquer sistema em que os rendimentos estejam em progressão, a estrutura da procura está em constante mutação, beneficiando alguns produtos em detrimento de outros. Então, e a não ser que postulamos que todas as regiões do sistema tem as mesmas vantagens para a produção de todos os bens (posição francamente irrealista), acabaremos por chegar inelutavelmente a conclusão que o desenvolvimento econômico engendra disparidades regionais. (...) As disparidades (ou diferenças de preço do trabalho) desempenham um papel de primeiríssimo plano no processo de desenvolvimento (POLESE, 1998, p. 170).

É importante enfatizar que Blumenau não foi projetada, para comportar uma população urbana sendo seus objetivos iniciais puramente agrários. Assim, com o passar dos anos, as terras passaram a pertencer a uma pequena parcela da população de classe média, e coube a população mais pobre adquirir terras em locais não apropriados oferecidas pelos especuladores.

[...] E a falta de aplicação de dispositivos referentes a função social da propriedade, que poderiam agregar justiça social à política urbana, faz com que o Plano Diretor de Blumenau funcione como instrumento de concentração de renda e, conseqüentemente, de exclusão sócio-espacial (SIEBERT, 2000, p. 283).

Como a cidade é caracterizada por possuir, em sua grande maioria, um centro principal no qual se encontram localizados todos os serviços públicos e privados necessários a lógica capitalista:

Na medida em que a cidade vai crescendo, centros secundários de serviços vão surgindo em bairros, que formam novos focos de valorização do espaço urbano. O crescimento urbano implica

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Economia industrial e formação regional

necessariamente uma reestruturação do uso das áreas já ocupadas (...) Esta expansão esbarra nos bairros residenciais “finos” que os circundavam, determinando o deslocamento de seus habitantes para ovas áreas residenciais “exclusivas”, providencialmente criada pelos promotores imobiliários. O anel residencial que circunda o centro principal se desvaloriza e passa a ser ocupado por serviços inferiores (...) O envolvimento do centro principal por uma área em decomposição social cria condições para que a especulação imobiliária ofereça aos serviços centrais da cidade nova área de expansão. Surge assim um “centro novo” em contraste com o “centro antigo” (SINGER, 1978, p. 29-30).

Cabe ao Governo a responsabilidade pela oferta da grande maioria dos serviços públicos urbanos, assim sendo o mesmo desempenha um papel determinante pelo uso de áreas do solo urbano e, portanto, indiretamente influencia no preço de determinadas áreas urbanas.

Sempre que o poder público dota uma zona qualquer da cidade de um serviço público, água encanada, escola pública ou linha de ônibus, por exemplo, ele desvia para esta zona demandas de empresas e moradores que anteriormente, devido a falta do serviço em questão, davam preferências a outras localidades. Estas novas demandas, deve-se supor, estão preparadas a pagar pelo uso do solo, em termo de compra ou aluguel, u preço maior do que as demandas que se dirigiam a mesma zona quando esta ainda não dispunha do serviço. Daí a valorização do solo nesta zona (SINGER, 1978, p. 34).

Quando o Estado estipula determinadas áreas para o desenvolvimento de atividades econômicas, estas áreas se valorizam. O problema é que esta valorização é antecipada pelo mercado imobiliário.

As transformações no preço do solo acarretadas pela ação do Estado são aproveitadas pelos especuladores, quando estes têm possibilidade de antecipar os lugares em que as diversas redes de serviços urbanas serão expandidas. No entanto, esta antecipação nem sempre é factível e quando o é a concorrência entre os especuladores pode forçar a elevação do preço antes que o melhoramento previsto se realize, reduzindo sobremaneira os ganhos futuros da operação (SINGER, 1978, p. 34).

Desta forma, também o Estado, que deveria prover os serviços urbanos aos cidadãos mais pobres, o faz apenas para aqueles que já recebem altos rendimentos e, portanto, podem pagar pelos serviços que valorizam o solo urbano, já que quanto menor a renda da população, tanto mais escassos são os referidos serviços.

As políticas implantadas pela gestão pública em Blumenau vêm tentando solucionar vários problemas em relação à ocupação do solo, mas diante da situação atual, e do contexto em que estamos inseridos, a falta de emprego e o alto custo habitacional estão longe de serem resolvidos e atualmente encontra-se no município a formação de diversos bolsões de pobreza espalhados pela cidade. Embora, o município esteja caminhando para a busca de soluções e para tanto estão sendo realizadas novas adequações ao seu plano diretor, e formulação de políticas para a implantação de novas empresas na região, os problemas não acabam por ai.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

A mudança de área está diretamente ligada à interferência no modo de vida da população, que muitas vezes por questões culturais e fatores sociais que estão inseridas acabam por não colaborar para um novo cenário com ocupações de áreas irregulares que contribuem para os avanços de problemas ambientais e de exclusão social.

Neste contexto, vale lembrar os problemas que o município já teve com desastres naturais. Em 1983 e 1984 quando o Rio Itajaí Açu chegou a 15 metros acima do leito normal, foram 22 dias de chuvas e muitas famílias desabrigadas e grande parte do setor produtivo atingido, mas, a enchente não vitimou tantas pessoas quanto em 2008.

Com isto, “[...] as áreas altiplanas, até ali pouco ocupadas, sofreram grande especulação imobiliária inviabilizando-as para uma parcela significativa da população, que tem achado, nas encostas dos morros e barrancos dos ribeirões, local para fixar suas residências, ampliando os riscos de deslizamentos [...]” (DALLACORTE, 2003, p. 15).

Em 1990, os primeiros problemas já começam a surgir em relação à ocupação de morros. No bairro Garcia, um dos bairros mais populosos do município, um deslizamento atingiu aproximadamente 1.310 casas, deixando 67 totalmente destruídas. O resultado disto foram 754 feridos e 21 vítimas fatais. O prejuízo financeiro para o município foi da ordem de 12,5 milhões de dólares, sendo fato para a imprensa internacional (BACCA, 2000).

Além disso, outros problemas urbanísticos interferem na cidade como construções irregulares em áreas de preservação permanentes (APP) nas margens de rios e ribeirões, aterros de todos os tipos que vêm sendo realizados, influenciando diretamente nos cursos das águas, provocando alagamentos e enxurradas em diversos pontos da cidade.

Em 2008, mas precisamente no mês de novembro, os problemas voltam a acontecer, porém, numa intensidade bem maior, considerado como sendo o maior desastre da história do estado de Santa Catarina. Novamente o Vale do Itajaí tem repercussão internacional e desta vez, não somente o município de Blumenau foi atingido, mas outros municípios de Santa Catarina.

Foram 03 meses de chuvas interrompidas no estado, e três dias torrenciais, chegando a 500 milímetros de chuva. Em Blumenau, foram mais de 20 mil pessoas desalojadas, e 84 vitimadas. Foram montados aproximadamente 68 abrigos para o atendimento da população. Cabe ressaltar, que em caso de enchentes para salvar bens as pessoas dispõem de horas; as enxurradas são muito rápidas e têm-se apenas alguns minutos e, nos casos de deslizamentos

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

de encostas, não há praticamente o que fazer, dependendo a vida da mera sorte (BACCA, 2000).

O município decreta estado de calamidade pública. Vários pontos da cidade foram atingidos, deixando a população sem comunicação, sem acesso, e dificultando ainda mais o trabalho das equipes de resgates. Nunca se viu tanta gente morta e ferida. Os trabalhos de resgate a população atingida pelas chuvas em áreas isoladas foram realizados por cinco helicópteros, onde estas eram transferidas até a base de apoio dos vôos no 23º Batalhão de Infantaria e em seguidas encaminhadas para os hospitais de campanha e hospitais do município.

BACCA (2000) nas suas considerações relembra que após as enchentes de 1983 o Morro Coripós um dos atingidos, já havia sofrido com ameaças de deslizamentos. Mas, as recomendações de geólogos renomados como Casseiro Monarski, João José Bigarella e Joarez José Aumond não foram atendidas, e outras vezes a Defesa Civil precisou ser acionada.

Diversos pesquisadores já vinham alertando a gestão municipal sobre a situação do município com a ocupação de áreas de risco. “O solo da cidade de Blumenau, principalmente nas encostas é considerado problema sob ótica da geologia hidrografia, devido a sua instabilidade, escondida sob um espesso manto de solo. É o resultado da força da natureza à procura de estabilidade” (SCHNEIDER, 2000, p. 178).

Desastres ecológicos ocorrem em diversas partes do mundo, e Blumenau não é a única cidade com problemas de ocupação de encostas. Entretanto, os relatos atuais associam os desastres com ocupações irregulares.

Neste sentido, BACCA (2000, p. 43), salienta que,

[...] a maior parte destas ocupações teve o apoio velado de muitas autoridades municipais importantes, que sabem valer-se muito bem da injustiça social do País com os objetivos evidentemente eleitoreiros. Tal apoio tem sido direto (ainda que camuflado), como na facilitação do uso de máquinas para abertura de acessos e instalações de postes ou outras benfeitorias, como indireto, ou simplesmente através da inoperância da fiscalização [...].

E neste caso, é necessário refletir que, as famílias só estavam ocupando estas áreas porque alguém permitiu, porque ninguém freou a especulação imobiliária que levou a cidade a estas áreas e hoje o resultado é este. Entretanto em meio a todo o caos gerado, em algumas localidades houve a resistência da população para deixar as áreas de risco.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

Chegaram ajuda de diversas partes do mundo e os reflexos na economia do município só não foram piores, devido à liberação dos recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) pelo governo Federal aos municípios. Entretanto, em Janeiro de 2009 a Prefeitura declarou que foram dados baixa em 104 alvarás e 58 novas empresas foram abertas.

O resultado deste desastre foi uma topografia totalmente alterada, a maioria das residências atingidas não poderá ser mais habitada. Após 4 meses do ocorridos, há locais que não se imagina que um dia foi habitado, restando apenas os escombros de uma história e famílias morando em abrigos improvisados pelo governo municipal. Não se sabe quantas famílias migraram para outros estados e municípios e os prejuízos aos cofres públicos desta vez ultrapassam o valor de 450 milhões de reais.

Considerando que em se tratando de políticas públicas, devemos avaliar as culturas locais, os resultados deste desastre nos remetem a algumas indagações: E as famílias atingidas, quanto elas tiveram de prejuízo? Como será deslocar pessoas que durante muitos anos nasceram e viveram neste local? Quanto vale uma vida? Neste momento, são respostas difíceis de responder.

Mas, diante deste contexto, torna-se necessário, que a implementação de políticas públicas seja vista como aspecto primordial na pautas dos gestores municipais visando a qualidade de vida dos cidadãos, bem como, a qualidade do ambiente que os cercam.

5 CONCLUSÃO

Este artigo teve como propósito discutir as questões da gestão urbana no Vale do Itajaí, destacando o que ocorre no município de Blumenau, aonde algumas políticas públicas vem sendo desenvolvidas, porém apresentam grandes dificuldades no processo de implantação.

Sabe-se que desenvolvimento econômico de uma cidade, geralmente vem acompanhado de um crescimento de população de baixa renda, que chega em busca de novas oportunidades de emprego, como a sua maioria não tem condições de instalar-se nas regiões com mais infraestrutura, acabam por constituir uma área ilegal nas cidades, resultando em ocupações em áreas ilegais que não atendem a legislação imposta pelo Plano Diretor Municipal.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

As políticas precisam ser voltadas ao social e ao urbano, contribuindo para que regiões com mais infra-estrutura não venham a ser objeto de cobiça e disputa por parte de empreendedores, e não haja uma sobrecarga nas regiões com infra-estruturas instaladas, pois, geralmente os investimentos públicos acabam por supervalorizar os preços dos imóveis nestas regiões, aumentando ainda mais o problema habitacional na cidade, principalmente em relação a ocupação de áreas de risco.

Infelizmente pouco se tem feito, em Blumenau, para beneficiar as populações que moram nestes locais tanto em termos de prevenção como de solução. As medidas têm sido apenas de observação e acompanhamento e uma proposta de realocamento destas populações para locais distantes de onde estão assentadas [...]. (SCHENEIDER, 2000)

O desastre que assolou a cidade em 2008, é de alguma forma, um alerta, que em algum momento, a gestão urbana do município não foi um dos principais assuntos de nossos governantes.

Embora o município já tivesse passado por problemas ecológicos (enchentes) não havia estruturas organizadas para o atendimento da população. Foram muitas mortes, perdas diretas e indiretas. A gestão estava preparada apenas para calamidades em regiões baixas da cidade. Todos foram pegos de surpresa, mas, somente alguns pagarão o preço da falta de gestão pública municipal de anos posteriores, o município jamais será o mesmo e a gestão atual e as que virão terão muito a fazer para a (re)construção da cidade.

Precisamos nos preparar, o que aconteceu em Blumenau, pode voltar a acontecer. Os piores reflexos deste desastre ainda estão por vir. As famílias atingidas permanecem em estado de choque, futuramente, problemas psicológicos graves poderão surgir, e novamente, nos deparamos com um problema de ordem social.

Contudo, para uma análise mais detalhada do assunto, seria necessário um aprofundamento com pesquisas “in loco”. Porém, neste momento, estão sendo elaborados relatórios técnicos sobre esta catástrofe ocorrida em Blumenau, e os resultados servirão de base para o aprofundamento do tema, bem como, a apresentação de soluções que atendam as necessidades do município.

REFERÊNCIAS

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Economia industrial e formação regional

BACCA, Lauro. Considerações e opiniões sobre a questão ambiental. In: **Dynamis Revista Tecno-Científica**, vol. 8, nº. 33, Outubro/Dezembro, 2000. FURB. Blumenau.

BASSAN, D. S. & SIEDENBERG, D. R. **Desenvolver buscando a redução das desigualdades**. IN: BECKER, D. F. & WITTMANN, M. L. Desenvolvimento Regional: abordagens interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

DALLACORTE, Ivani C. B.. Ocupação de áreas inundáveis em Blumenau. In: **Revista de Estudos Ambientais**, vol. 5, número 2 e 3, maio/dezembro/2003.

FRANCO, Augusto. **Por que precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável?** Da Revista Século XXI, Brasília: Editoração Eletrônica Compukromus e Assessoria Gráfica Ltda. Millennium Instituto de Política, 2000, Separata do número 3.

GALVÃO, Antonio Carlos e VASCONCELOS, Ronaldo. **Política Regional à Escala Sub-Regional: uma tipologia territorial como base para um fundo de apoio ao desenvolvimento regional**. Brasília: IPEA, 1999 (Texto para Discussão nº 665).

HERING, M. L. R.. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento**. – Blumenau: Ed. da Furb, 1987.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Política Nacional de Desenvolvimento Regional**. SDR/SPR/MI: Brasília, 2005.

POLESE, Mário. **Economia Urbana e Regional. Lógica Espacial das Transformações Econômicas**. Coimbra: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional. 1998 cap. seis.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. **PROGRAMAS DISPONÍVEIS NA DIRETORIA DE HABITAÇÃO**. Disponível em: <http://www.blumenau.sc.gov.br/semac/habitacao/habitacao.asp> - [Acesso em 05/01/2007].

SIEBERT, C. F. **Estruturação e desenvolvimento da rede urbana do Vale do Itajaí**. – Blumenau: Ed. da Furb, 1996.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Ermínia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. SP: Alfa - Omega, 1982.

SCHNEIDER, Clora C. Maria. Considerações sobre intervenções em área de risco. In. **Dynamis Revista Tecno-Científica**, vol. 8, nº. 30, Janeiro/Março 2000.

THEIS, I. M., MATTEDI, M. A., TOMIO, F. R.de L. (orgs.). **Nosso Passado in Comum: contribuições para o debate sobre a história e historiografia em Blumenau**. – Blumenau: Ed. da FURB: Ed. Cultura em movimento, 2000.

TURNES, V. et. al. . **Projeto Meu Lugar: transformar regiões administrativas em territórios de desenvolvimento**. – Florianópolis: Cidade Futura, 2004.